

Proposta: mudar o comércio exterior.

As políticas de exportação e importação do governo devem mudar caso se queira um desenvolvimento real, sem distorções, sem recessão e desemprego, e sem enfraquecer o empresariado nacional e o mercado interno. A tese foi defendida em conferências na Escola de Guerra Naval, tanto pelo diretor da Carteira de Comércio do Banco do Brasil (Cacex), Benedito Moreira, como pelo presidente licenciado da Confederação Nacional da Indústria, senador Albano Franco (PDS-SE).

Moreira contestou a idéia de controle maior das importações, que vem sendo defendida por influentes setores do governo, sugerindo, em lugar disso, uma política de menores restrições à produção interna, a descentralização nas decisões, menos burocracia e aumento da arrecadação do governo via combate à sonegação de impostos e menor tributação sobre produção crescente, em vez de maior incidência de impostos sobre produção cadente.

Já Albano Franco considerou um equívoco das autoridades a forma como vêm encarando a exportação, transformada, segundo ele, em "panacéia milagreira", pois, "longe de ser visualizada como consequência natural, inevitável, da expansão interna das forças produtivas ou dos fatores de produção, a exportação, para as autoridades econômico-financeiras, permanece em renitente equívoco, como exclusiva, mecânica e fria fábrica de divisas".

Benedito Moreira, por sua vez, procurou sintetizar suas idéias, dizendo aos estagiários da EGN que o governo deveria "deixar que os mais capazes nacionais transformem a nossa potencialidade em realidade", a única forma, segundo ele, de se promover a produção em escala e de fazer com que os mercados interno e externo deixem de ser "áreas antagônicas".

Para Moreira, "há incompatibilidade entre aumento da exportação e redução na produção", como querem alguns, pois "são maiores as possibilidades de prover-se a exportação quando se utilizam amplamente os fatores de produção do que em conjuntura de recessão interna — quando o desejo e a necessidade de expandir vendas externas esbarram na elevação dos custos internos".

O fracasso das exportações

Albano Franco lamentou, por sua vez, que o Brasil não tivesse combinado o mercado interno com a dinâmica do mercado internacional, e constatou que de nada adiantou a política de "subsídios generosos" para obter-se a evolução esperada no comércio com parceiros

tradicionais e para a conquista de novos mercados:

— Frustra-se, assim, o intercâmbio, não solucionado obviamente, por meio da preocupação obsessiva com o equilíbrio da balança comercial. Admite-se, oficiosamente e oficialmente, sem nenhum proveito para o País, que deve ser perseguido o equilíbrio da balança comercial, mesmo ao preço da recessão. O preço é alto demais para uma nação que não incorporou plenamente sua mão-de-obra ao mercado de trabalho e que não se pode dar ao luxo suicida de transformar consumidores efetivos ou virtuais em desempregados ostensivos e crônicos."

Por isso, Franco considera que "a verdade, sem nenhum artifício retórico, é que não há nada mais prioritário, valioso, do que a inteligência e o trabalho do povo brasileiro. Embora 70% dos trabalhadores ainda ganhem até três salários mínimos, o Brasil já é, de fato, potência emergente, cabendo-lhe, na superação, inclusive de sua escandalosa dívida social, fazer crescer o consumo, eliminar o desemprego ou subemprego, redistribuir melhor a renda, elaborar tecnologia própria (...)".

Depois de lembrar que só o serviço da dívida externa (juros e amortizações) cresceu de US\$ 2,57 bilhões em 1973 para US\$ 16,87 bilhões em 1981, Albano Franco disse que parte dos empréstimos "nada tem a ver com desenvolvimento", já que é utilizada frequentemente para cobertura da dívida externa. Assim, esta dívida "não passa de proveitoso investimento ou negócio para os banqueiros internacionais. Há casos de empréstimos concedidos sob a condição de o Brasil adquirir, nos países credores, produtos e mercadorias que a indústria nacional pode, fácil e tranquilamente, produzir e fornecer". Essa, segundo ele, "é uma forma de desestimular o empresariado nacional", de aumentar a capacidade ociosa da indústria, "política que só pode agradar aos burocratas distantes da realidade".

Benedito Moreira advertiu, de seu lado, que há limites para a política de subsídios às exportações, pois em países como o Brasil eles "tendem à saturação com rapidez. Sociedades pobres não têm como desviar crescente volume de recursos escassos para sustentar vendas externas". Moreira defendeu a reativação do mercado interno por ser ele "a alavanca da exportação" pois sua redução, com a conseqüente ociosidade da produção, aumenta os custos, "inviabilizando até mesmo a exportação normal".